

10 JUN 1996

ECONOMIA

SEGUNDA-FEIRA, 10 DE JUNHO DE 1996

Economia - Brasil

LUÍS PAULO ROSENBERG

De avestruz a fênix



Vaidoso como pavão, este tucano sente o cheiro de borracha queimada

gfica Odesencanto com o Plano Real alcançou seu pico nos últimos 30 dias. Realmente, o volume e a extensão das más notícias transformaram o Fernando Henrique, Salvador da Pátria, em candidato a trapalhão. Vejamos a lista de desacertos.

No plano político, a hecatombe decorreu das sucessivas derrotas em votações importantes, da queda significativa do prestígio governamental em pesquisas de opinião pública e da revolta popular contra o processo de barganha em que se engajou, Fernando Henrique, na vã tentativa de revirar a maré

de derrotas. O produto final que emergiu de toda esta confusão foi a perda generalizada do apoio na imprensa, de quem ele só havia recebido afagos, até então.

No quadro econômico, não faltaram motivos para desalento. A inflação de abril superou 1,5% e pode ficar até julho perto deste patamar. O déficit comercial do primeiro quadrimestre foi superior a US\$ 200 milhões, o que, dessazonalizado e projetado, indicaria um déficit em 1996 de até US\$ 3 bilhões. A atividade econômica continua débil, empurrando o desemprego para a quebra de recordes históricos. Finalmente, o desempenho fiscal do primeiro trimestre deu indicações de que a farra do gasto de 1995 estava continuando em 96, sugerindo que o céu poderia ser o limite, no tucanato do descontrole.

Objetivamente, contudo, o quadro não está assim deteriorado. Uma avaliação equilibrada do panorama político deve registrar as importantes vitórias colhidas, se-

ja na votação da lei das patentes, seja na privatização imediata da telefonia celular. A derrota da Previdência, na Câmara, faz parte do jogo e pode ser revertida no Senado. E os números da base parlamentar governamental, após a minirreforma ministerial, indicam uma sólida maioria, tão logo o presidente aprenda a dar ordem unida. Em suma, não há moleza pela frente, mas existem condições para continuar avançando com medidas modernizantes no Congresso. Mesmo no quadro econômico, o diabo não é

tão feio quanto se pinta. Tomemos o repique da inflação: descontados os efeitos da elevação dos preços internacionais das commodities agrícolas e das consequências do injustificado reajuste do álcool e da gasolina, a inflação primária no Brasil continua na casa de 0,5% a 0,8% ao mês. Consequentemente, fechamos o ano com preços ao consumidor variando menos do que 15% — é uma conquista garantida.

Nas contas externas, procura-se chifre em cabeça de cavalo, quando se alardeia iminência de crise. Estamos com US\$ 55 bilhões de reservas, cerca de quatro vezes mais do que o recomendado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). No fluxo financeiro, o fechamento de câmbio para importações está em queda, enquanto o de exportações mantém os sinais de vitalidade. Mesmo os dados do primeiro quadrimestre não são tão ruins: há, em abril, uma importação de US\$ 300 milhões de combustíveis, acima do nível normal do consu-

mo. Se esta decisão empresarial da Petrobrás é escoimada dos dados, constata-se que a previsão correta para 96 é de um superávit comercial: basta aguardar os números de maio, que indicarão um superávit próximo de US\$ 500 milhões.

No fronte fiscal, as notícias também são animadoras. A melhor demonstração de austeridade é a firmeza presidencial em conceder zero de reajuste salarial ao funcionalismo federal. A queda de juros nominais ajuda a derrubar a despesa com o serviço da dívida pública. E todos os demais itens de despesa já estão em queda nominal. Daí poder-se deduzir que o déficit nominal, que em 1995 chegou a 7,5% do Produto Interno Bruto (PIB), neste ano deverá cair para entre 4% e 5%. Nenhuma *Brastemp*, mas um avanço importante, sem dúvida, mormente pela perspectiva de prosseguir em 97, e até mais rápido, se a Reforma Administrativa for aprovada.

Só flores, então, na condução da política econômica? Longe disso. O ritmo de redução do custo Brasil é ridículo, gerando desemprego e sofrimento desnecessários. Menos amadorismo e arrogância nas negociações com o Congresso, e a história já poderia ser outra. Ademais, a insensibilidade do Banco Central, em relação aos juros excessivos assume contornos sadomasoquistas inaceitáveis. A transformação do Banorte em *Bamorte* é mais uma evidência de que caminhamos para o caos financeiro, se o alívio não vier a tempo.

O plano, portanto, continua forte e rijo, no curto prazo. Já para 1997, o cenário vai ficando mais difuso e há, pelo menos, três cenários possíveis:

■ O cenário inercial, no qual a atual política monetária é preservada. Aprofunda-se a recessão e cresce o risco de uma crise bancária. O apoio ao presidente continua a des-

pençar. A inflação é aniquilada, mas as consequências do custo político intolerável são imprevisíveis.

■ O cenário racional, com alinhamento dos juros internos aos níveis internacionais e alongamento dos prazos financeiros. A economia retoma o crescimento em 97, a inflação fica contida pela âncora cambial e o prestígio presidencial recupera-se.

■ O cenário emocional, em que o câmbio é reajustado para fomentar o crescimento. A inflação recrudesce. Com recessão, se a política de juros for mantida. Ou com crescimento espasmódico, se os juros caírem. Se houver também afrouxamento fiscal, é correr para abraçar o retorno da década de 80.

A probabilidade do terceiro cenário é a menor. Afinal, aprendemos algo nestes últimos anos, levando a supor que seremos ao menos originais nos nossos erros. Já o primeiro cenário é bem plausível, principalmente se não ocorrerem mudanças no comando do Banco Central. O melhor, mesmo, é apostar no cenário racional. Para algo deve servir termos eleito um intelectual brilhante para a Presidência, capaz de aprender com seus erros. A entrada do pragmatismo, da habilidade e da profundidade técnica de Antônio Kandir na equipe já é um importante sinal de que o presidente está procurando recuperar a consistência de sua ação econômica. Mesmo sendo vaidoso como um pavão, este tucano sente o cheiro de borracha queimada que o cerca. O mais provável, portanto, é que o vejamos renascer das próprias cinzas, como fênix, em vez de continuar comportando-se como avestruz, cabeça enterrada na areia e o rabo de fora, à mercê de qualquer aventureiro.

■ **Luís Paulo Rosenberg é diretor da Linear Administração de Patrimônio e da Rosenberg Consultoria**